

Jaborandi - sinônimo de tranqüilidade

A cidade de Jaborandi recebeu este nome devido à enorme quantidade da planta *Pilocarpus jaborandi* Holmes, popularmente conhecida como “jaborandi”, que existia às margens do córrego, de mesmo nome, nas proximidades de onde o município teve origem. Os primeiros moradores chegaram nas terras doadas ao padroeiro ‘Arcanjo Gabriel’ por volta de 1902. Em 1924 foi criado o Distrito de Paz de Jaborandi, e em 24 de dezembro de 1948 a cidade obteve sua emancipação política e administrativa.

Jaborandi está situada na micro-região de Barretos, ao norte do estado de São Paulo, e faz divisa com os municípios de Barretos, Morro Agudo, Terra Roxa e Colina.

Com cerca de 6.500 habitantes, durante cerca de 8 meses por ano recebe o equivalente a 30% da população de migrantes, que chegam para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar e laranja. São quase duas mil pessoas, entre trabalhadores e familiares, que ao mesmo tempo em que impulsionam a economia, com a utilização do comércio local, sobrecarregam a infraestrutura urbana.

Como o município não possui comércio forte e nem indústrias, depende do repasse do FPM, Fundo de Participação dos Municípios, que é pago de acordo com o número de habitantes e não leva em conta a população flutuante. Segundo a prefeitura é com este dinheiro que são feitos os investimentos. As áreas mais demandadas por esta população são saúde e educação, além de moradia. O déficit habitacional na cidade cresce a cada ano. Casas para alugar são raridades, e quando existem, os preços são exorbitantes.

Por estar muito próxima de grandes centros comerciais, como Barretos e Bebedouro, o comércio acabou se retraindo por falta de investimentos. Existe apenas uma

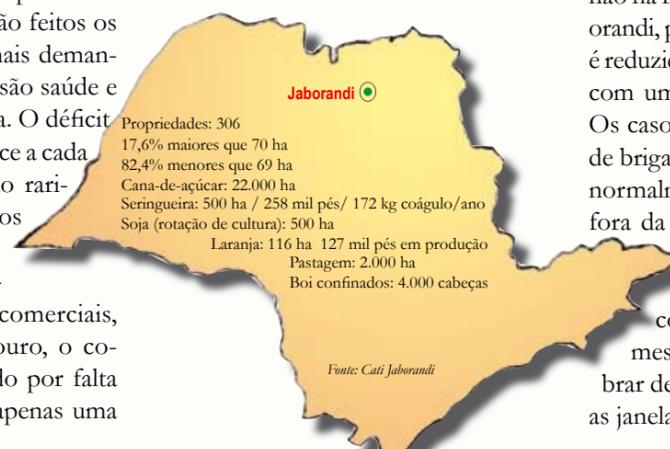


agência bancária na cidade, lojas de pequeno porte, pequenos supermercados e farmácias.

Atendida pela Sabesp desde os anos 80, Jaborandi tem 100% de água e esgoto tratados.

Na área da saúde existe um hospital municipal, um posto de saúde e um PSF, Programa de Saúde da Família. Existe apenas um médico que reside na cidade, os outros viajam todos os dias para atender a população. Para o tratamento em especialidades que exigem equipamentos especiais a prefeitura envia os pacientes para serem atendidos em Barretos.

A educação é a menina dos olhos da atual administração. Desde 2006 um convênio com uma rede privada de ensino mudou a relação dos alunos com a escola, e a dos professores com sua profissão. Todos os alunos da 1ª à 9ª série têm material apostilado. Os



professores recebem capacitação para trabalhar o conteúdo das apostilas a cada dois meses. Além disso, 50 professores da rede municipal terão, a partir de janeiro de 2009, bolsas de graduação em pedagogia e outras 10 bolsas de pós-graduação em gestão escolar. O ensino médio é de responsabilidade do governo do estado, porém a prefeitura oferecerá para os alunos da 3ª série do ensino médio, a partir do segundo semestre deste ano, via telesala, curso semi-extensivo preparatório para o vestibular. Um convênio com a Usina Guarani premiou os melhores alunos do 6º ao 9º com bolsas de estudo de inglês. A primeira turma se forma no final do ano.

A pacata cidade tem pouca diversão: dois pesqueiros, campos de futebol, “footing” na praça e boate no Grêmio nos finais de semana.

De tão tranqüila, a cidade não possui delegado residente. Desde 2000 não há registro de crime grave em Jaborandi, por isso o destacamento militar é reduzido e a polícia civil conta apenas com um investigador e um escrivão. Os casos de violência registrados são de brigas ocasionais e furtos de carro, normalmente envolvendo pessoas de fora da cidade. Segundo a investigadora Lenita Fabrício, não há segredo: na cidade todos se conhecem e se respeitam, mas mesmo assim é sempre bom lembrar de fechar os carros e não deixar as janelas abertas.



Agronegócio: assunto de vestibular



Uma das escolas públicas mais tradicionais de Ribeirão Preto, a E.E. Otoniel Mota, que tem 101 anos de existência, continua a busca por capacitar melhor seus alunos. Por ela já passaram estudantes ilustres, para citar os mais conhecidos: o atual prefeito de Ribeirão Preto, Welton Gasparini, os deputados federais Antonio Pallocci e Arlindo Chinaglia, e o jornalista Ernesto Paglia. A escola sempre se orgulhou da boa formação que proporcionava aos alunos, principalmente para as estudantes do curso normal, que formou diversas gerações de professoras na cidade e região, e do curso científico, de onde saíram vários alunos da faculdade de medicina de Ribeirão Preto.

Sem entrar no mérito da qualidade do ensino público atual, os professores do Otoniel Mota, hoje escola apenas de ensino médio, se esforçam para motivar os alunos. Eles têm que concorrer com estudantes da rede privada, muito mais focada no vestibular.

Para tentar driblar algumas defi-

ciências e dificuldades, a escola criou um curso de apoio cultural. Nas terças-feiras, os alunos de 2º e 3º anos assistirão palestras sobre atualidades. Para abrir a programação o assunto escolhido foi o agronegócio, e a convidada a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi.

Na justificativa do pedido, a professora Mariângela Vilas Boas citou a mídia e a constância de assuntos como etanol, preços dos alimentos, posicionamento do Brasil como país emergente e crise mundial, como possíveis tópicos de questões no vestibular.

Mônica Bergamaschi aceitou de pronto o desafio. O cuidado foi explicar, sem meias palavras, assuntos que na mídia têm uma conotação, mas que no dia-a-dia da economia e da vida brasileira têm outra.

Temas como crescimento demográfico mundial, desenvolvimento econômico dos países emergentes, problemas climáticos (secas e inundações), preço do petróleo, logística, meio ambiente e políticas públicas



Mônica Bergamaschi fala sobre atualidades

foram esmiuçados pela diretora da ABAG/RP. Ao final de quase três horas, Mônica ouviu dos alunos o quanto aquelas informações foram importantes para que eles pudessem entender muitos outros assuntos do dia-a-dia nos jornais.

A aluna do terceiro ano, Luana Silva Pereira, disse ter certeza de que estes assuntos serão temas do vestibular. Na redação que a aluna fez após a palestra, disse que conseguiu refletir o assunto agronegócio em outras informações que leu nos jornais: o aumento do PIB brasileiro, o posicionamento do presidente Lula na questão dos preços dos alimentos, o papel da Petrobrás e, por fim, a questão da consciência política às vésperas de uma eleição.

Para a professora Mariângela Vilas Boas, este é o resultado esperado por ela em relação aos alunos, mostrar a importância de ouvir, de buscar informações em fontes seguras, de ter prazer em ler e interpretar uma notícia. “Para escrever é preciso ter conhecimento, só assim a escrita flui e deixa de ser um problema, para se tornar um meio de expressão”, completa ela.



Alunos da rede pública em aula especial preparatória para o vestibular

Imigração japonesa: o que virá depois dos 100 anos

A região de Ribeirão Preto se orgulha de ter recebido grande parte das primeiras famílias vindas do Japão para trabalhar no Brasil. Das 164 famílias que desembarcaram do navio Kasato Maru, no Porto de Santos, em 18 de junho de 1908, 125 vieram para a região trabalhar nas lavouras de café das fazendas Dumond e Guataparã, em Ribeirão Preto; São Martinho, em Sertãozinho; e Chanaan, em São Simão. Segundo Satoru Hojo, presidente da associação para Comemoração do Centenário da Imigração, a região tem hoje aproximadamente 1.400 famílias, cerca de 6.000 moradores.

Os imigrantes vieram para cumprir contratos de trabalho de 2 a 3 anos. Muitos retornaram, mas os que ficaram deixaram as fazendas de café e introduziram a diversificação de culturas em suas pequenas propriedades, distantes da região cafeeira.

Os japoneses deram uma contribuição imensa para o desenvolvimento da agricultura brasileira. Foram eles, em 1927, com a fundação da CAC, Cooperativa Agrícola de Cotia, que fortaleceram o conceito de cooperativismo.

Foi com a ajuda deles que o Brasil começou a desbravar o Cerrado. Nos

anos 70, quando o governo americano embargou temporariamente a exportação de cereais para o Japão, o governo daquele país buscou uma parceria com o governo brasileiro para solucionar seu problema de abastecimento. Surgiu assim o Prodecer, Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados, que viabilizou recursos para projetos piloto de ocupação e pesquisa em tecnologia.

Foi nos anos 60 que a mais tradicional colônia japonesa da região de Ribeirão Preto foi formada, a Mombuca, hoje um bairro da cidade de Guataparã. Parte de uma antiga fazenda de café, cerca de 7 mil hectares, foi comprada em 1958 pelo governo japonês e vendida a agricultores de 7 províncias, interessados em sair do Japão, então empobrecido. O governo japonês preparou os lotes: 1,5 hectares para as residências e 11 hectares para agricultura, sendo quase a metade preparada em várzea para o plantio de arroz.

As primeiras famílias chegaram em 1962. Shunga Wakiyama, hoje com 60 anos, lembra o final de tarde quando o trem com sua família parou na estação de Guataparã. Um *Jeep* fez o percurso até a colônia. Era muito mato. Havia chovido e as valetas e a escuridão assustaram o jovem de 15 anos. O alojamento coletivo foi a moradia das famílias até que os carpinteiros, vindos do Japão, terminassem

a construção das casas, todas de madeira do Paraná.

Mombuca, que chegou a ter 7 mil moradores, hoje não chega a 600. A primeira geração ainda está na colônia fazendo o que sabe fazer, lidando com a terra e suas dificuldades.

Dos 2.500 hectares de arroz inundado, sobraram 200. A baixa rentabilidade e as exigências ambientais foram as causas do abandono da cultura. A licença ambiental para limpar os canais da várzea demorava de 3 a 4 anos para sair, inviabilizando o investimento.

O plantio da raiz de lótus, também inundada, ocupa 2 hectares e corresponde a 90% da produção brasileira, cerca de 10 toneladas. As hortaliças estão em quase todas as propriedades, mas o forte da economia local é a avicultura de postura. São 21 granjas que produzem cerca de 20 milhões de ovos por ano.

Os agricultores de Mombuca sofrem e sofrem as mesmas dificuldades dos brasileiros. O endividamento fez com que muitos abandonassem suas terras e perdessem tudo o que construíram.

A primeira geração, cerca de 200 pessoas, continua toda na colônia. Os mais velhos têm entre 70 e 98 anos. Nunca aprenderam português e não trabalham mais. Os mais jovens, que chegaram crianças ou adolescentes, são os que estão tocando as propriedades, totalmente integrados ao ambiente, porém preservando a cultura japonesa.

Da segunda geração, cerca de 300 pessoas estão fora, estudando ou trabalhando, sendo que 120 estão no Japão. Apenas 20 continuam na colônia. Um deles, Julio Takagui, é o secretário da agricultura de Guataparã e afirma: “todos foram embora desiludidos com o trabalho pouco remunerado do campo”. Julio conhece bem a realidade local e tem tentado inverter a situação, incentivando a agregação de valor aos produtos, principalmente para os que lidam apenas com agricultura.

O casal Hiroto e Hishiro Okada ilustram bem esta realidade. Eles cresceram na colônia, se casaram, tiveram 3 filhos e os educaram com os frutos da terra. Hoje, nenhum dos três mora com os pais. A filha mais velha, fisioterapeuta, está no Japão, junto com a irmã do meio. O filho mais novo mora em Ribeirão Preto, estuda publicidade e propaganda, não tem planos de voltar para casa. Hiroto e o marido têm apenas um empregado e vivem da plantação de alho. Para agregar valor estão entregando o produto selecionado e embalado, mas ainda não é suficiente. Há dois meses começaram a investir no cultivo de shimeji. Por enquanto a produção é toda comercializada na colônia, mas já estão contatando os 21 restaurantes japoneses de Ribeirão Preto em busca de mercado para o seu produto. Acreditam que com uma rentabilidade melhor os filhos queiram dar continuidade ao trabalho e voltem para Mombuca.

A terceira geração, formada por crianças e adolescentes, mantém vivas as tradições acompanhando o modo de vida dos mais velhos. A culinária japonesa é um orgulho para todos e está na mesa do dia-a-dia. A língua falada em casa, principalmente com os mais velhos, é o japonês. Na escola da colônia todos os jovens, dos 6 aos 16 anos, aprendem a escrever em japonês. Até os que moram fora retornam aos sábados para as aulas. Na TV a cabo a sintonia constante é de canais do Japão. Aprender a tocar o tradicional Taiko é outro orgulho para os jovens. As meninas ainda aprendem as danças e o artesanato japonês.

A maioria estuda em Ribeirão Preto, gosta da vida que leva, mas não quer permanecer na colônia.

Uma tradição que se perdeu em Mombuca, por falta de jovens, foi a do esporte. A seleção brasileira juvenil de basebol chegou a ter garotos de Mombuca. O secretário Julio Takagui foi um deles.

Apesar de uma população menor, Mombuca está mais viva do que nunca. A força e a esperança dessa comunidade mantêm as tradições em todos os rituais da cultura japonesa. Sua festa mais famosa, a da colheita, acontece há 45 anos no início de julho, com culinária, danças típicas, exposição e venda de produtos. Em novembro acontece a homenagem



Mombuca: 90% da raiz de lótus do Brasil

aos mortos. Dezembro é o mês do ka-
raokê.

Mas é em janeiro que acontece o espetáculo mais bonito da colônia, é quando a flor-de-lótus se abre, um espetáculo singular. Nesta época os agricultores até esquecem o sacrifício que é a colheita dessa raiz, que chega a até um metro de profundidade.

Na época da florada muitos moradores e visitantes esperam na beira dos brejos pelos primeiros raios da manhã para ver a flor de lótus desabrochar. A flor, que chega a medir 30 centímetros de diâmetro, dura apenas um dia. É um símbolo espiritual, representa a pureza, pois emerge limpa e imaculada do meio das águas turvas do brejo. Dizem que seu miolo é achatado por ter sido o local onde Buda descansou.

Mombuca é mais que um símbolo, é quase uma província do Japão no Brasil.

Foto: Dresler Horschutz



Hiroto Okada, da primeira geração, continua o trabalho na terra, agregando valor aos produtos, na esperança que os filhos deem continuidade ao trabalho



Júlio Takagui, da segunda geração, é Secretário Municipal da Agricultura. É um dos poucos da sua geração que permaneceu em Mombuca



Terceira geração: Tiago Tomobito, 12 anos, filho de granjeiro, quer ser engenheiro mecânico, sabe que seu futuro está longe de Mombuca.



Ângela Yori, 10 anos, pretende ficar na região, mas não quer continuar o trabalho dos pais na granja



Foto da colheita da raiz de lótus, publicada na edição de maio de 2005, com destaque para a flor que desabrocha apenas uma vez por ano